

JB
24/11/96 2021
08

Brasil

Uma cidade abandonada às formigas

Na selva amazônica, Unesco quer tombar ruínas que contam história de povo expulso por insetos e por decadência econômica

GUSTAVO KRIEGER
AIRÃO, AM — As ruínas da cidade mais antiga do interior do Amazonas estão desaparecendo, ameaçadas pelo avanço da floresta e pela lentidão no processo de tombamento histórico. Fundada pelos jesuítas em 1694, às margens do Rio Negro, Airão, que fica a cerca de 15 horas de barco de Manaus, já foi um dos povoados mais prósperos da Amazônia. Virou desde 1985 cidade fantasma, derrotada pela crise econômica do extrativismo, pela decadência das famílias que dominavam o local e pela praga das formigas-fogo que tornaram insuportável a vida na cidade. Agora Airão está perdendo outra luta, desta vez contra o descaso do governo.

O avanço da floresta é a maior preocupação dos historiadores que se mobilizam pela preservação da cidade. Hoje não resta uma casa inteira em Airão. Os prédios mais conservados são a antiga taberna e a casa de comércio da família Bezerra, que foi o último prédio construído no local, em 1950. Da antiga prefeitura, restam a fachada e as paredes internas. Árvores de três ou quatro metros de altura já crescem dentro dos prédios.

Da antiga igreja de Santo Elias, o padroeiro da cidade, resta muito pouco. A pia de mármore do altar, trazida de Portugal e que foi um dos grandes orgulhos do antigo povoado, desapareceu, vítima de saqueadores. O cemitério da cidade também foi objeto da rapina. Há poucos anos, se espalhou pela região o boato de que o velho franciscano Bezerra, último homem forte de Airão velho, teria escondido ouro nas sepulturas da cidade. Foi o que bastou para que os túmulos fossem saqueados.

A sepultura de Dona Carmelita dos Reis Viana, enterrada em 25 de novembro de 1886, foi uma das vítimas do saque. Do túmulo de Manoel Gonçalves, de 1889, os ladrões levaram a cruz de mármore que cobria a cripta.

O diretor do Museu Amazônico, Geraldo Pinheiro, diz que "infelizmente, o processo de tombamento anda muito mais lentamente que a selva amazônica". Ele teme que daqui a algum tempo não exista mais nada para preservar. Não são apenas as casas da antiga cidade que preocupam os historiadores. Ao lado de Airão velho arqueólogos encontraram gravações em pedra feitas pelos índios da região. Os arqueólogos ainda estão tentando determinar a idade destas gravações. A área aonde as rochas se encontram já foi usada até mesmo como alvo de tiros para a Marinha.

Novo Airão — Em 1985, o pescador João Bezerra Filho fechou as portas da antiga taberna da família, que tinha sido o centro da cidade nos últimos 70 anos. João Bezerra e a mulher, Dona Glória, foram os últimos habitantes a deixar Airão. Antes de entrar no barco que levou suas coisas para a cidade vizinha de Novo Airão, João retirou a placa da rua Occidental, a principal do velho Airão.

A retirada da placa, que até hoje está guardada na casa do barqueiro Carlos Gouveia, foi o último ato da decadência de Airão. Encerrou a vida de uma cidade cujos habitantes importavam de Portugal as telhas para cobrir as casas de pedra e a extração da borracha garantia o luxo em plena selva. Segundo o historiador Anísio Jobim, no início do século, as festas em Airão eram frequentes. "As damas se apresentavam no rigor da moda. Procuram saber dos figurinos, dos vestidos modernos, dos enfeites. Todas gostam de cordões de ouro, pulseiras e dos cheiros alucinantes de pacova-catinga, do puxuri, do cumaru", relatou. "As festas ocorriam em plena Rua Occidental, em frente à ta-



A fachada foi a única coisa que restou da loja da família Bezerra, último prédio construído em Airão. A cidade foi das mais prósperas da região, mas sucumbiu à praga e à pobreza



Os saqueadores não pouparam sequer o cemitério, violando os túmulos em busca de ouro e objetos valiosos

berna dos Bezerra. Hoje, o calçamento da rua desapareceu, coberto pela mata. As árvores cresceram tanto dentro da antiga taberna que derrubaram as telhas portuguesas da cobertura.

Slogan — Novo Airão tem hoje mais de 10 mil habitantes, tenta explorar o turismo no Rio Negro e ostenta um slogan imponente: "O paraíso começa aqui". Um paraíso que ainda parece longe do cotidiano da cidade. Nas ruas, urubus passeiam calmamente ao lado das galinhas.

A disputa política também não se dá em um clima paradisíaco. Na eleição de 3 de outubro, cinco pessoas acabaram feridas em tiros, o fórum pegou fogo e até a mãe do prefeito eleito acabou no hospital. No final, foi eleito Wilton Santos, candidato da situação. A família Santos está no poder no município há 14 anos. Em todas as eleições, os Santos venceram o mesmo adversário. O

empresário Antônio Maria sofreu este ano a quinta derrota consecutiva para a prefeitura.

São duas as causas possíveis para o abandono de Airão, há 11 anos. A primeira é a mudança no perfil econômico da região, que inviabilizou a cidade. O professor Victor Leonardi, da Universidade de Brasília, fez o mais completo estudo da história de Airão e diz que a prosperidade vivida no século 19 se transformou em pobreza no século 20 porque a cidade saiu do eixo do desenvolvimento da Amazônia. Com a crise da borracha, a cidade não produzia mais riqueza e teve que viver do comércio que atravessava o Rio Negro. Quando a economia da Amazônia se deslocou para Manaus, este comércio deixou de passar por Airão, estagnando a cidade.

Praga — A outra causa é mais polêmica. Os moradores antigos da cidade contaram aos pes-

quisadores que, na década de 60, a cidade foi infestada por uma praga de formigas-fogo, que tornaram insuportável a vida no local. João Bezerra diz que as formigas incomodavam tanto que quando nascia uma ovelhinha nova na cidade, não dava para deixar amarrada no campo. "Se deixasse, as formigas matavam", conta.

Nesta época, para enfrentar as formigas, os moradores de Airão desenvolveram uma tecnologia própria. As crianças só iam para a escola com as pernas cobertas por sacos de estopa, para escapar das picadas. A Universidade do Amazonas chegou a fazer um estudo sobre as formigas na região, ano passado. Descobriu a presença das formiga-fogo, mas já não é possível dizer se elas foram ou não a causa principal da fuga dos moradores. Com o esvaziamento da cidade, as formigas também deixaram o local.

O último morador

Bezerra sonha em tomar conta do patrimônio

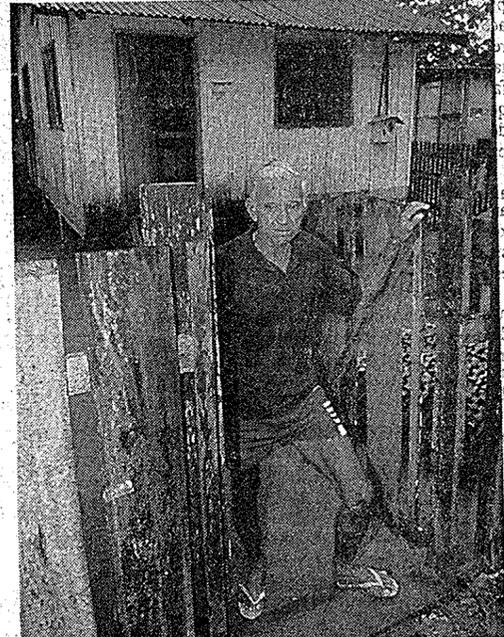
AIRÃO, AM — O pescador João Bezerra não perde a esperança de voltar a viver na cidade onde nasceu e se criou. Bezerra, que tem 70 anos, foi o último a deixar Airão, em 1985, e espera voltar se as ruínas da cidade forem tombadas pelo patrimônio histórico. "O pessoal da universidade falou que vai precisar de alguém que more lá para tomar conta e me convidaram", conta Bezerra. Ele diz que se tiver condições de viver lá, volta. "Só sei porque não dava mais". Por outro lado, não esconde a tristeza pelo jeito em que a cidade se encontra. "Eu digo que não vai ser tombamento. Vai ser uma ressurreição. Porque, do jeito que está, a cidade está morta", diz.

A família Bezerra mandou na vida de Airão durante quase 80 anos. João Bezerra cresceu acostumado com o poder na pequena cidade e agora tem

dificuldade em acomodar-se na vida de Novo Airão. Morando em um barraco de madeira na periferia da cidade, ele vive de consertar barcos a motor. "Nossa família manteve aquela cidade em pé, mas não teve jeito de aguentar quando a pobreza chegou", conta ele.

Quando deixou a cidade, em 1985, João levou com ele a mulher, Glória, e os filhos. Dona Glória foi a última professora de Airão antigo e está mais adaptada à vida nova. Ela diz: "só quero voltar para Airão se tiver jeito de viver bem lá. Ficar sozinha naquele mato é ruim demais".

João Bezerra é a fonte mais importante dos historiadores para reconstituir a vida de Airão. Além de ser o morador mais antigo, ele foi durante quase 20 anos o tabelião da região. Casamentos, batismos e mortes eram registrados por ele. Os papéis com os registros estão hoje no Museu Amazônico e são o mais importante registro da história da região. (G.K.)



Último a deixar Airão, João Bezerra guarda história da cidade

Uma praga na solidão amazônica

■ Moradores de Airão usavam perneiras para se proteger de formigas, que passaram a infestar cidade vizinha depois do abandono

AIRÃO, AM — Formiga é um assunto delicado entre os antigos moradores de Airão. "Eles ficam envergonhados com esta história de que tiveram de deixar a cidade porque foram derrotados pelas formigas", diz Ana Lúcia Abraham, coordenadora para a Amazônia Ocidental do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Não é possível saber até que ponto as formigas foram decisivas na expulsão dos moradores de Airão velho, mas os pesquisadores recolheram histórias interessantes. "Há registro de vários ataques a moradores", conta o diretor do Museu Amazônico, Geraldo Pinheiro.

Para combater as formigas, moradores varriam as ruas e tentavam desmanchar os formigueiros, protegidos por perneiras feitas com estopa. "No final, quando a cidade ficou mais vazia, era formiga demais para pouca gente. Não tinha como matar todas", conta Glória Bezerra, uma das últimas moradoras de Airão.

Pesquisa — Para investigar o caso, o Iphan mandou para Airão velho uma especialista em formigas, a pesquisadora Ana Harada. Ela concluiu que a infestação pode ter sido causada por um desequilíbrio ambiental na região. As formigas-fogo foram encontradas em pequena quantidade depois que a cidade foi abandonada, segundo a pesquisadora, porque houve "redução drástica do alimento disponível".

Se as formigas sumiram de Airão, passaram a infestar Novo Airão. As mesmas formigas-fogo se tornaram um problema para os moradores da cidade nova. O marinheiro Aderson Cabral já foi vítima delas. "Deixei uma galinha poedeira presa no quintal. De manhã, as formigas tinham matado ela", conta.

Airão foi fundada pelos jesuítas em 1694, que reuniram na povoação os índios tarumãs. Depois, foi praticamente abandonada e só voltou a crescer no século 19, com a exploração da borracha. Quando a borracha perdeu o valor no mercado no início deste século, a economia da cidade começou a decair. A família Vianna, que tinha dominado a cidade durante o apogeu da exploração da borracha, deixou Airão. Os novos donos da cidade passaram a ser os Bezerra, quatro irmãos que chegaram de Sergipe para tentar a sorte no Rio Negro.

Os Bezerra conseguiram manter a cidade com cerca de 200 casas até a década de 50. Ainda era o maior povoado da região e sede da prefeitura local. A partir da década de 60, a cidade começou a morrer. Os moradores foram aos poucos mudando para a Vila de Tauapeçu, que passou a se chamar Novo Airão. Hoje, Novo Airão tem cerca de 10 mil habitantes, enquanto o Airão velho virou cidade fantasma.

A importância histórica das ruínas de Airão foi descoberta quase por acaso em 1994. O professor de História Amazônica da Universidade de Brasília, Victor Leonardi, estava fazendo uma pesquisa de barco no Rio Negro, acompanhado por um mateiro da região, Jorge Rabelo. Os dois estavam no acampamento quando faltou cachaça. O mateiro propôs que fossem de barco até o povoado mais próximo. No caminho, passaram por Airão velho.

Jacaré contou a Leonardi que ali estava "uma cidade com 300 anos". Leonardi acabou se apaixonando pela cidade fantasma e suas pesquisas devem virar livro este ano.

Tombamento — A campanha para que o local fosse tombado ganhou força depois que as imagens das ruínas foram incluídas em dois documentários produzidos por pesquisadores da Amazônia. Exibidos na Europa, os vídeos atraíram o interesse da Unesco.

Toda a mobilização gerou um processo de tombamento, que foi apresentado ao governo federal. Mas até hoje o processo está tramitando. O objetivo do tombamento é proteger as ruínas e as inscrições pré-históricas das rochas. A cidade não seria restaurada, mas as ruínas seriam protegidas do avanço da floresta. (Gustavo Krieger)

INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: JB
 Data: 24/11/96 Pg cont.
 Class: 08